

AMÉLIA (REGINALDO) NOGUEIRA FEITOSA (23/06/1917-11/11/1978).

Prof<sup>a</sup> Dra Maria Francinete de Oliveira - UFRN

No dia 23 de junho de 1917 nascia, na cidade de Mossoró, Amélia Gomes Reginaldo, filha de Raimundo Reginaldo e Luzia Gomes dos Santos, tendo recebido inicialmente o nome de Rosa de Luxemburg em homenagem a militante comunista polonesa.

Amélia cresceu na efervescência e amadurecimento orgânico dos grupos comunistas no Brasil, das greves generalizadas e dos movimentos sociais. Conduzida pelo pai, 1<sup>o</sup> pessoa a divulgar idéias marxista-leninista no interior do RN, concentrava-se na leitura de autores como Victor Hugo, Euclides da Cunha, Jorge Amado, Marx, Lenine, entre outros. De tanto escritores existentes, esses últimos citados



foram os que mais lhes chamaram à atenção dedicando um precioso tempo de seu lazer, para procurar absolver os ensinamentos desses líderes socialistas, que após a 1<sup>a</sup> guerra mundial estavam “revolucionando” o mundo. Amélia estava interessada nessa doutrina, que prometia diminuir as desigualdades sociais, acabar com o analfabetismo, e proporcionar uma vida mais decente para toda nação que adotasse o regime comunista. Talvez por isso ou principalmente por isso tornou-se líder estudantil na Escola Normal de Mossoró (1930/33), defendendo melhoria no ensino, igualdade e participação dos alunos e alunas nas decisões da educação formal.

Conforme registros do acervo público do nosso estado, pesquisas pela historiadora Aluizia Freire, percebemos a atuação marcante de Amélia na intenção comunista: todas as mulheres interrogadas referiram que se filiaram a União Feminina do Brasil, órgão mantido pelo Socorro Vermelho Internacional, através de Amélia Gomes Reginaldo

A União Feminina do Brasil ocupava-se de assuntos relativos a emancipação das mulheres, por isso era combatida pelos políticos conservadores, que atacavam as filiadas considerando-as como pessoas de comportamento imoral e espalhafatoso. A exemplo disso encontramos a seguinte descrição no jornal A Republica (30, de julho de 1935):

A União Feminina do Brasil, constituída sob a forma de sociedade civil, tem exercido atividade subversiva da ordem política e social. Sendo uma ameaça a sociedade o governo cria o decreto de nº 243 de 19 de julho de 1935, no qual ordena o fechamento em todo o Território Nacional dos núcleos da UFB.

Diante de sua determinação, conhecimento e carisma, Amélia Reginaldo exercer cargo de direção da União Feminina do Brasil, sendo a filiada mais atuante convocando amigas, esposas e filhas de militantes para se engajaram na “luta” do Partido Comunista. Também atuou como secretária do Comitê popular revolucionário e contribuiu na edição do Jornal A Liberdade (Órgão Oficial do Governo Popular Revolucionário – Natal, 27/11/1935), em seu único número publicado.

Segundo consta nos autos, denúncia apresentada pelo Dr Carlos Gomes de Freitas, procurador criminal da Republica no RN, Amélia, Leonila Felix, Chica Pinote e Chica da Gaveta, invadiram o 21 BC, fardadas e portando armas pesadas.

Em carta destinada a seu tio Lauro Reginaldo da Rocha registrou sua participação – *Este combate foi duro e difícil. Começou às 19 ou 20 horas do dia 23 e durou toda a noite. Ao amanhecer do dia 24 parou a resistência. Na cidade de Natal e outras cidades vizinhas o poder passou para as mãos do povo.*

Mas, a gloria do governo revolucionário dura poucos dias: quatro dias depois, as tropas do Exército e polícias dos Estados vizinhos tomaram o quartel das mãos dos revolucionários e revolucionárias, restabelecendo a ordem iniciando a via cruzes de Amélia, seu pai, sua mãe e outras pessoas que tomaram parte de tão importante ato histórico. De todas as mulheres que participaram da intentona comunista, na cidade do Natal, Amélia foi a única condenada, recebendo uma pena de cinco anos de reclusão. Sua prisão foi decretada em 04 de setembro de 1936. No entanto não chegou a ser presa, pois se tornou fugitiva da justiça. Já a sua mãe foi presa várias vezes não sendo respeitada sua condição de nutriz

Em carta destinada ao seu tio Lauro, publicada como anexo do Livro Bangu Memórias de um Militante (Lauro Reginaldo da Rocha – Organizadora Brasília Carlos Ferreira - págs. 110 a 114) ela relata sua odisséia para escapar de seus algozes - tendo de se disfarçar de guia de cego, saltar de trem em movimento, se refugiar em matas, passar fome, trocar de cidades e estados várias vezes, entre outras. Foram três anos vividos nestas condições:

O nosso corpo estava em chagas, cheio de feridas produzidas pelos carrapatos, mosquitos e espinhos. Mas continuamos marchando, evitando os lugares povoados, evitando transuantes, andando e se escondendo, andando e se escondendo, andando e se escondendo

Quando refugiada em Picos – PI viu seu pai falecer. A saúde do professor Raimundo Reginaldo piorou ao saber que sua esposa havia, novamente, sido presa. Já sentindo uma “agonia no peito”, pediu para Amélia cantar “A Internacional” hino de sua paixão. Foi ouvindo esta canção que seu coração parou de bater em 31/03/1938.

No mês seguinte ela casou e mudou de nome para AMÉLIA NOGUEIRA FEITOSA. Mesmo não exercendo atividade política ideológica nesta cidade e vivendo como uma pessoa simples e recatada, não ficou invisível aos olhos do escritor Renato Duarte. Este, no livro intitulado Picos: os verdes anos cinquenta comenta que “Dona Amélia era uma mulher culta para os padrões interioranos da época. Leitora ávida de livros e revistas, possuía uma das poucas bibliotecas particulares da cidade: nesse aspecto era uma mulher diferente dos padrões de comportamento feminino de então”. Conta sua nora Lili que a leitura era o grande vício de Amélia.

O sofrimento causado pela perseguição fez com que a família Reginaldo silenciasse boa parte de tudo o que acontece durante e após a intentona comunista. Transformou Amélia em uma mulher centrada no papel de mãe e de avó, mas que não achava bonito não ter o que comer, por isso participava dos movimentos benevolentes, distribuindo alimentos às pessoas menos favorecidas, além de ser uma figura humana reputada como “romântica”.

Em decorrência da hipertensão e do diabetes, e de uma historia familiar de doença cardíaca morreu aos 62 anos de idade.

As mulheres que participaram de movimentos políticos e revoluções, lutando contra as injustiças e por causas sociais, entraram para a história pelo espírito de liderança e perseverança, porém, todas foram severamente punidas. Muitas mulheres no Mundo todo foram presas, martirizadas, e na maioria das vezes, pagaram pelos atos de bravura e coragem, com a vida. Por isso a sugestão do nome de Amélia para receber a medalha Nísia floresta é uma forma que encontramos para registrar e homenagear a sua coragem e gloria. Homenageando Amélia estamos homenageando também a sua mãe, Luzia Gomes dos Santos, Leonila Felix, Wanda Galvão Virginia Praxedes, Maria da Cruz, Maria José da Paz, Pretinha, Alice, Francisca Pinote, Maria da Gloria dos Santos, Chica da Gaveta e outras mulheres que não foram citadas nos depoimentos destas referidas.